

FICHA TÉCNICA

FESTIVAL GANCHEIRO: CULTURA, MAR E TRADIÇÃO

O **Festival Gancheiro: Cultura, Mar e Tradição** é um projeto cultural de abrangência regional a ser realizado no município de Governador Celso Ramos (SC), integrando música instrumental, erudita, regional e popular e as artes cênicas tradicionais. O projeto contempla apresentações da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, apresentações de música instrumental e regional, show de música popular cantada, espetáculos de dança tradicional (Boi de Mamão e cortejos), contação de causos e intervenções de teatro. Com entrada gratuita e plena acessibilidade, o festival valoriza a identidade cultural açoriana e caiçara da região, fomenta o turismo cultural e promove a democratização do acesso à arte e a cultura.

FICHA TÉCNICA PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS – PRODUÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DO PROJETO, PRODUÇÃO EXECUTIVA E PRESTAÇÃO DE CONTAS

Casa Amarela Cultura & Tecnologia – consultoria e assessoria jurídica e gerencial nas áreas do terceiro setor, empresarial, tributário, marketing cultural, responsabilidade social, planejamento, elaboração e produção de projetos culturais, desenvolvimento regional e de patrimônio. Alguns trabalhos realizados: Parque dos Lagos: Estudos e Planejamento para Captação de Investimentos e Desenvolvimento Econômico Territorial, envolvendo a criação da ADREL – Agência de Desenvolvimento da Região dos Lagos, com oito (08) municípios do RS e SC, BAESA Energética, AMURES, AMUCSER; Produção Executiva ao Sistema Estadual de Museus com objetivo de Planejamento e orientação ao gerenciamento dos museus e casas culturais do Estado, 2009. Produção Executiva do Inventário e Levantamento do Patrimônio Material e Imaterial para AMAVI – Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí em parceria com a Fundação Catarinense de Cultura, 2008. Produção Executiva do Livro: Cadernos do Alto Vale : Arquitetura, ofícios e modos de fazer. Fundação Catarinense de Cultura. Florianópolis. Fundação Catarinense de Cultura, SC, 2009. Assessoria Jurídica para: Santa Catarina: Relatório de Oportunidades de Investimentos produzido pelo Governo do Estado de Santa Catarina para os participantes do WTTC – World Travel and Tourism Council, no 9th Global Travel & Tourism Summit, Florianópolis, 2009. Planejamento captação de recursos e produção executiva do projeto “A Festa” de Rodrigo de Haro. Mosaico Bisantino em cerâmica, dimensão 17,00 x 3,30 m. no Clube Doze, Florianópolis, 2011. Consultoria e Assessoria na elaboração, aprovação e captação de recursos pela Fundação Cultural de Lages, para os projetos Natal Felicidade 2013, Natal Felicidade 2014 e Natal Felicidade 2015. Consultoria e Assessoria na elaboração, aprovação, produção executiva e prestação de contas dos projetos: Rally Instrumental em Cena, 2019 – 2014; Adventure Music Festival, 2019 -2024 e Festival Cultural Rota dos Lagos, 2019 – 2023, proponente ASCPE. A empresa é dirigida por César Augusto Vargas Lavoura, produtor cultural e advogado, desde 1998, mestre em sociologia política pelo CFH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, com área de desenvolvimento da pesquisa em sociologia da cultura. Autor do Livro O Poder Simbólico das Artes: O Teatro e o Cinema nos tempos da Princesa Serrana. Letras Contemporâneas, Florianópolis, 2013.

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Marcio Rosa Machado é produtor cultural, pesquisador, oficinairo, diretor, ator e ator bonequeiro, fotógrafo e vídeo maker. Trabalha no escritório de produção da Associação de Arte e Cultura Circula-Dô onde coordena o núcleo Teatro Circula-Dô e seus projetos de criação e produção de espetáculos em teatro de rua, teatro de formas animadas e contação de histórias bem como o projeto de circulação de teatro, Festival Teatro Circula-Dô. Nos projetos de pesquisa, registro e valorização da cultura popular serrana, é ministrante das Oficinas do Imaginário Popular, Oficinas de Memória e facilitador nas Rodas de Contação de História. Também é exibidor de cinema. Coordena o núcleo de economia criativa na realização da Feira de Artesanatos do Garden e da Feirinha de Artes e Artesanatos da praça Joca Neves. Coordena o núcleo de fotografia Foto essência, dedicada a projetos de foto documentário, como o projeto “Catadores – Registros de Uma Classe Invisível”. É responsável pela Comunicação Social dos projetos relacionados a Economia Criativa, desenvolvidos pela Associação de Arte e Cultura Circula Dô. Pelo Escritório Criativo/MEI concentra toda a atividade de produção cultural, construção e gestão de projetos de eventos culturais e artístico, projetos de foto documentários e exposições e o projeto de pesquisa registro e valorização de Cultura popular da serra catarinense

DIREÇÃO MUSICAL

Silvio César Nazário é um profissional e produtor cultural atuante em Santa Catarina, reconhecido principalmente pela sua gestão estratégica na Orquestra Sinfônica de Santa Catarina (OSSCA). [1] Abaixo estão os principais destaques da sua trajetória: Atuação na OSSCA: Exerce papel fundamental na diretoria e gestão financeira da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, uma instituição reconhecida como Patrimônio Cultural do Estado de Santa Catarina. Gestão e Produção: Atua ativamente na diretoria da orquestra, lidando com a administração, captação de recursos e execução de temporadas e concertos especiais (como os aclamados concertos sinfônicos de rock e pop). Redes Sociais: Mantém atualizações sobre os bastidores, ensaios e apresentações da Orquestra em seu Perfil de Silvio Cesar Nazário no Instagram.

1) Música

NOME DO GRUPO/ARTISTA: Orquestra Sinfônica de Santa Catarina (OSSCA)
BREVE HISTÓRICO: A Orquestra Sinfônica de Santa Catarina (Ossca) foi criada em 1992 pelo maestro José Nilo Valle, atendendo ao desafio do governo estadual de estabelecer uma orquestra sinfônica em Santa Catarina. Sua estreia ocorreu em 25 de novembro de 1993, no Teatro Ademir Rosa, em Florianópolis. A criação da Ossca marcou uma nova era na história musical do estado, representando um sonho artístico que foi alimentado ao longo da década de 1980 por José Nilo Valle, músico catarinense. Em reconhecimento à sua importância, a orquestra foi declarada Patrimônio Histórico Artístico e Cultural em 2009. Em 2013, a Orquestra Sinfônica de Santa Catarina recebeu o reconhecimento oficial na Constituição estadual como um organismo de interesse máximo para a cultura musical. Através da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 001/2013, o estado reconheceu a necessidade de destinar recursos públicos para a manutenção da orquestra. Ao longo dos anos, a Ossca tem servido como inspiração para o surgimento de diversos grupos de

câmara, cameratas e orquestras em Santa Catarina. A orquestra pioneiramente estabeleceu uma tradição de concertos sinfônicos regulares na capital, além de expandir a música para as cidades do interior e desenvolver projetos para a formação de jovens talentos

NOME DO ESPETÁCULO: Mar, Cultura e Tradição

MÚSICA

REGIONAL ()

INSTRUMENTAL (X)

ERUDITO (X)

BREVE SINOPSE:

O espetáculo Territórios Sinfônicos da JOOB visa mostrar a orquestra como um corpo artístico extremamente versátil, capaz de transitar entre diferentes linguagens musicais. Indo desde a essência barroca de Vivaldi, até a inventividade harmônica da música mineira do Clube da Esquina, passando pela intensidade das danças latinas de Piazzolla, vamos ouvir diferentes sotaques da orquestra em uma jornada no tempo e no espaço.

DURAÇÃO: 50 minutos

NÚMERO DE COMPONENTES: 40

FOTO:



NOME DO GRUPO/ARTISTA: Orquestra Sinfônica de Santa Catarina (OSSCA)

BREVE HISTÓRICO:

A Orquestra Sinfônica de Santa Catarina (Ossca) foi criada em 1992 pelo maestro José Nilo Valle, atendendo ao desafio do governo estadual de estabelecer uma orquestra sinfônica em Santa Catarina. Sua estreia ocorreu em 25 de novembro de 1993, no Teatro Ademar Rosa, em Florianópolis.

A criação da Ossca marcou uma nova era na história musical do estado, representando um sonho artístico que foi alimentado ao longo da década de 1980 por José Nilo Valle, músico catarinense. Em reconhecimento à sua importância, a orquestra foi declarada Patrimônio Histórico Artístico e Cultural em 2009.

Em 2013, a Orquestra Sinfônica de Santa Catarina recebeu o reconhecimento oficial na Constituição estadual como um organismo de interesse máximo para a cultura musical.

Através da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 001/2013, o estado reconheceu a necessidade de destinar recursos públicos para a manutenção da orquestra.

Ao longo dos anos, a Ossa tem servido como inspiração para o surgimento de diversos grupos de câmara, cameratas e orquestras em Santa Catarina. A orquestra pioneiramente estabeleceu uma tradição de concertos sinfônicos regulares na capital, além de expandir a música para as cidades do interior e desenvolver projetos para a formação de jovens talentos

NOME DO ESPETÁCULO: RAÍZES DO MAR — Música Tradicional Açoriana e Folclore Catarinense

MÚSICA

REGIONAL (x)

INSTRUMENTAL (X)

ERUDITO ()

BREVE SINOPSE:

Apresentações do grupo de câmara da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina (octeto) de temas regional. Há mais de dois séculos e meio, os ventos do Atlântico trouxeram às costas de Santa Catarina não apenas colonizadores, mas um mundo sonoro inteiro: melodias nascidas no isolamento das ilhas dos Açores, ritmos moldados pelo mar, instrumentos cujas formas únicas contam a história de um povo. Esse legado vivo e pulsante é o coração deste espetáculo.

O Grupo de Câmara da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina apresenta um programa que percorre as raízes profundas da identidade cultural do litoral catarinense, reunindo em arranjos para octeto o patrimônio musical que liga o arquipélago açoriano às comunidades que floresceram no sul do Brasil.

A Viola da Terra — ou Viola Micaelense — abre o horizonte sonoro da noite com sua voz singular, resultado de séculos de evolução no isolamento das ilhas. Ao lado dela, a Viola Terceirense, com sua boca redonda característica, e instrumentos como o Tambor da Folia, os Testos metálicos e o Pandeiro constroem a textura rítmica das Festas do Espírito Santo, das Chamarritas e dos Pézinhos — danças que ainda hoje animam festas de arraial de Florianópolis ao litoral norte.

Do açoriano ao caiçara, o programa desce pela costa e mergulha no universo do Fandango, reconhecido pelo IPHAN em 2011 como o primeiro bem imaterial do sul do Brasil. A Rabeca conversa com duas violas e com o Adufe artesanal nas intrincadas sequências dos Valsados e na percussão corporal e coreográfica dos Batidos, onde o som dos tamancos de canela sobre o assoalho é também instrumento.

O folguedo do Boi de Mamão chega em seguida com toda a sua irreverência e alegria: Ratoeiras, cantigas do Boi e da Bernunça, da Maricota e do Cavalinho se revezam em arranjos que ampliam a formação original de violão, cavaquinho e pandeiro para a paleta completa do octeto, com acordeão, flauta e tambores integrando a brincadeira.

O espetáculo se encerra com o Pau de Fita e a Jardineira — dança de origem açoriana que em Santa Catarina ganhou variações coreográficas próprias como o Tramadinho, a Feiticeira e a Rede de Pescador, tecendo literalmente, nos movimentos dos dançarinos, a trama cultural que une ilhas e continente.

RAÍZES DO MAR é um encontro entre a tradição oral e a linguagem da música de câmara, entre o patrimônio imaterial e a precisão sinfônica — uma homenagem ao povo açoriano-catarinense e à extraordinária teimosia com que a música sobrevive, atravessa oceanos e refaz raízes onde quer que chegue.

DURAÇÃO: 75 minutos

NÚMERO DE COMPONENTES: 08

FOTO:



NOME DO GRUPO/ARTISTA: Letícia Leal

BREVE HISTÓRICO:

Violeira, compositora e cantora, Letícia Leal é mineira de Teófilo Otoni (MG) possui mais 10 anos carreira. Tem como referência a Música Popular Brasileira, sobretudo choro e forró. Lançou em 2019 o álbum Urutu desenvolve um importante trabalho de protagonismo da viola dentro música instrumental brasileira.

NOME DO ESPETÁCULO: Show Letícia Leal Trio

MÚSICA

REGIONAL (x)

CANTADA ()

INSTRUMENTAL (X)

BREVE SINOPSE:

O trabalho de Letícia Leal, nas apresentações solo, explora a versatilidade da viola em peças compostas, na maioria das vezes, para o instrumento, utilizando uma ou duas violas por show. Já nos shows com o Trio, são apresentadas músicas consagradas, com arranjo repaginado para a viola, acompanhado de violão 7 cordas e bateria. A multiartista coloca a viola contemporânea dentro da música instrumental brasileira, mostrando as possibilidades em um repertório nada comum ao instrumento, com ritmos como choro, forró e maxixe. A

violeira, que sempre escutou vários estilos musicais, acredita que a viola contemporânea é a melhor forma de colocar todas essas influências à mostra e de se conectar com mais pessoas.

DURAÇÃO: 90 minutos

NÚMERO DE COMPONENTES: 04

FOTO:



NOME DO GRUPO/ARTISTA: Roberto Corrêa

BREVE HISTÓRICO:

Roberto Corrêa é um dos mais importantes nomes da viola no Brasil. Instrumentista, compositor e pesquisador, é mineiro de Campina Verde e vive em Brasília desde 1975. Apresentou a viola caipira e a viola de cocho em salas de concerto no Brasil e em 29 países, sendo um dos pioneiros da recente expansão da viola no cenário musical brasileiro. Em mais de trinta anos de carreira, lançou 20 discos e realizou recitais em espaços de destaque internacional, como Konzerthaus (Viena), Beijing Concert Hall (Pequim) e Haus der Kulturen der Welt (Berlim). Como compositor, tem contribuído decisivamente para a formação do repertório da viola, especialmente como instrumento solista. Sua música, enraizada nas tradições caipiras, dialoga com a contemporaneidade e a erudição. Pesquisador dedicado, sistematizou técnicas próprias da viola caipira e ministra oficinas desde a década de 1980. É doutor em Musicologia pela ECA/USP, com a tese “Viola caipira: das práticas populares à escritura da arte” (2014). Recebeu o título de Comendador da Ordem do Mérito Cultural.

NOME DO ESPETÁCULO: Recital comentado		
MÚSICA		
REGIONAL (x)	CANTADA (x)	INSTRUMENTAL (X)
BREVE SINOPSE: O violeiro Roberto Corrêa realiza apresentação musical com a viola caipira, a viola de cocho e a viola de buriti. Os instrumentos, característicos da região interiorana brasileira, ganham uma abordagem moderna e sofisticada, sem perder suas referências tradicionais. O repertório, composto por músicas instrumentais e cantadas, contempla composições próprias de Corrêa e arranjos de clássicos para temas da cidade e do sertão. Com requinte técnico, o show une memórias sonoras, atavismos e referências regionais, enaltecendo a cultura interiorana. Ao longo da apresentação Roberto contextualiza os instrumentos e aspectos de suas tradições, ampliando a compreensão do público sobre a cultura musical regional.		
DURAÇÃO: 70 minutos		NÚMERO DE COMPONENTES: 02
FOTO: 		

NOME DO GRUPO/ARTISTA: Roberto Corrêa
BREVE HISTÓRICO: Roberto Corrêa é um dos mais importantes nomes da viola no Brasil. Instrumentista, compositor e pesquisador, é mineiro de Campina Verde e vive em Brasília desde 1975. Apresentou a viola caipira e a viola de cocho em salas de concerto no Brasil e em 29 países,

sendo um dos pioneiros da recente expansão da viola no cenário musical brasileiro. Em mais de trinta anos de carreira, lançou 20 discos e realizou recitais em espaços de destaque internacional, como Konzerthaus (Viena), Beijing Concert Hall (Pequim) e Haus der Kulturen der Welt (Berlim). Como compositor, tem contribuído decisivamente para a formação do repertório da viola, especialmente como instrumento solista. Sua música, enraizada nas tradições caipiras, dialoga com a contemporaneidade e a erudição. Pesquisador dedicado, sistematizou técnicas próprias da viola caipira e ministra oficinas desde a década de 1980. É doutor em Musicologia pela ECA/USP, com a tese “Viola caipira: das práticas populares à escritura da arte” (2014). Recebeu o título de Comendador da Ordem do Mérito Cultural.

NOME DO ESPETÁCULO: Viola Nova – Roberto Corrêa e Música Antiga da UFF

MÚSICA

REGIONAL (x)

CANTADA (x)

INSTRUMENTAL (X)

BREVE SINOPSE:

Roberto Corrêa e o grupo Música Antiga da UFF apresentam o espetáculo Viola Nova no qual visitam sertões brasileiros através do encontro de violas de diferentes regiões do Brasil e instrumentos da música renascentista europeia. O trabalho conecta a força musical da tradição europeia, renascentista e medieval, com as raízes musicais da região central do Brasil. O violeiro e pesquisador Roberto Corrêa e os integrantes do grupo Música Antiga da UFF desenvolveram uma sonoridade especial, a partir de músicas de autoria de Corrêa, com arranjos criados especialmente por André Vidal e pelo próprio compositor. Este encontro original será lançado em disco no início de 2026. Os instrumentos característicos da música ibérica medieval, renascentista e do barroco (a viola da gamba baixo, a viola da gamba soprano, o alaúde, a vihuela, as flautas e diversos elementos percussivos) harmonizam-se com a viola caipira (do Brasil central) e com outros dois tipos de instrumentos de cordas que representam regiões distintas do Brasil: a viola de cocho (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul); a viola de Buriti (da região Norte). Este encontro evoca a paisagem sonora do Brasil de dentro, com a força do cerrado, as águas, os aboios e os causos da vida rural nos gerais do sertão.

DURAÇÃO: 70 minutos

NÚMERO DE COMPONENTES: 08

FOTO:



NOME DO GRUPO/ARTISTA: Paulo Freire

BREVE HISTÓRICO:

Paulo Freire (01/04/1957) é violeiro, contador de histórias e escritor. Estudou violão com Henrique Pinto, em São Paulo, e Betho Davesac, em Paris, onde obteve medalha no “Concours de Classes Supérieurs de Paris”. Em 1977, apaixonado pelo romance “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, foi morar no Norte de Minas Gerais, região do rio Urucuia. Aprendeu a tocar viola com Manoel de Oliveira e outros mestres da região. Aprofundou-se nos costumes e lendas do sertão. Tocou as violas e compôs músicas para o seriado “Grande Sertão: Veredas”, da TV Globo. Morou em Paris de 1982 a 1985. Além de estudar violão clássico, atuou em grupos de Música Popular Brasileira em vários países da Europa e na Argélia. Compôs trilhas especiais para matérias do programa “Globo Rural”, da TV Globo (entre elas “Escola de Peões” - Prêmio Wladimir Herzog de Direitos Humanos - 1993 e “O Umbu” - Prêmio Febraban - 1994). Compôs, em parceria com Swami Júnior, a canção “Bom Dia”, gravada por Zizi Possi no disco “Valsa Brasileira” (Prêmio SHARP - melhor disco do ano - 1994). Tem dois romances publicados pela editora Guanabara: “O Canto dos Passos” - 1988, e “Zé Quinha e Zé Cão, vai ouvindo...” - 1993. Realiza uma turnê de viola-solo pela Europa, apresentando-se em festivais de World Music da Bélgica e Holanda - 1995. Grava seu primeiro disco solo de Viola: “Rio Abaixo”, independente, em 1995 (Prêmio SHARP de Revelação Instrumental). Escreve o livro “Eu Nasci Naquela Serra”, biografia dos compositores paulistas Angelino de Oliveira, Raul Torres e Serrinha, em 1996, lançado pela Editora Paulicéia. Narrando a vida destes grandes compositores (autores de “Tristeza do Jeca”, “Saudades de Matão”, “Cabocla Tereza”, “Chitãozinho e Xororó”, entre outras), é contada a história da música caipira, até a transformação desta no gênero sertanejo. Escreve na revista “Caros Amigos”, da Editora Casa Amarela, desde o número 1 até o ano de 2007. Foi integrante da Orquestra Popular de Câmara, que lançou seu primeiro CD em 1998. Prêmio Movimento – Melhor CD do ano. Em 1999 faz shows pelos EUA. Grava seu segundo CD solo: “São Gonçalo”, pela Pau Brasil, lançado em 1998. É o diretor artístico do projeto “Deixa a Viola Me levar”, álbum inédito de Mestre Manelim, lançado em março de 2024 pelo Selo Sesc. Lança seu novo álbum: “A Mula”, um grande causo musicado, em maio de 2024, pelo selo Vai Ouvindo. Através do PROAC, realiza uma circulação pelo estado de São Paulo

com o espetáculo “Viola, Rosa e Sertão”, onde toca e canta suas aventuras pelo sertão de Guimarães Rosa. Cria o espetáculo “Inezita Barroso, a voz da nossa terra”, com histórias e músicas do repertório de nossa extraordinária artista, dentro das comemorações de seu centenário – 2025. Vem fazendo shows, oficinas de viola e oficinas de causos pelo Brasil.

NOME DO ESPETÁCULO: Viola Brasileira

MÚSICA

REGIONAL (x)

CANTADA (x)

INSTRUMENTAL (X)

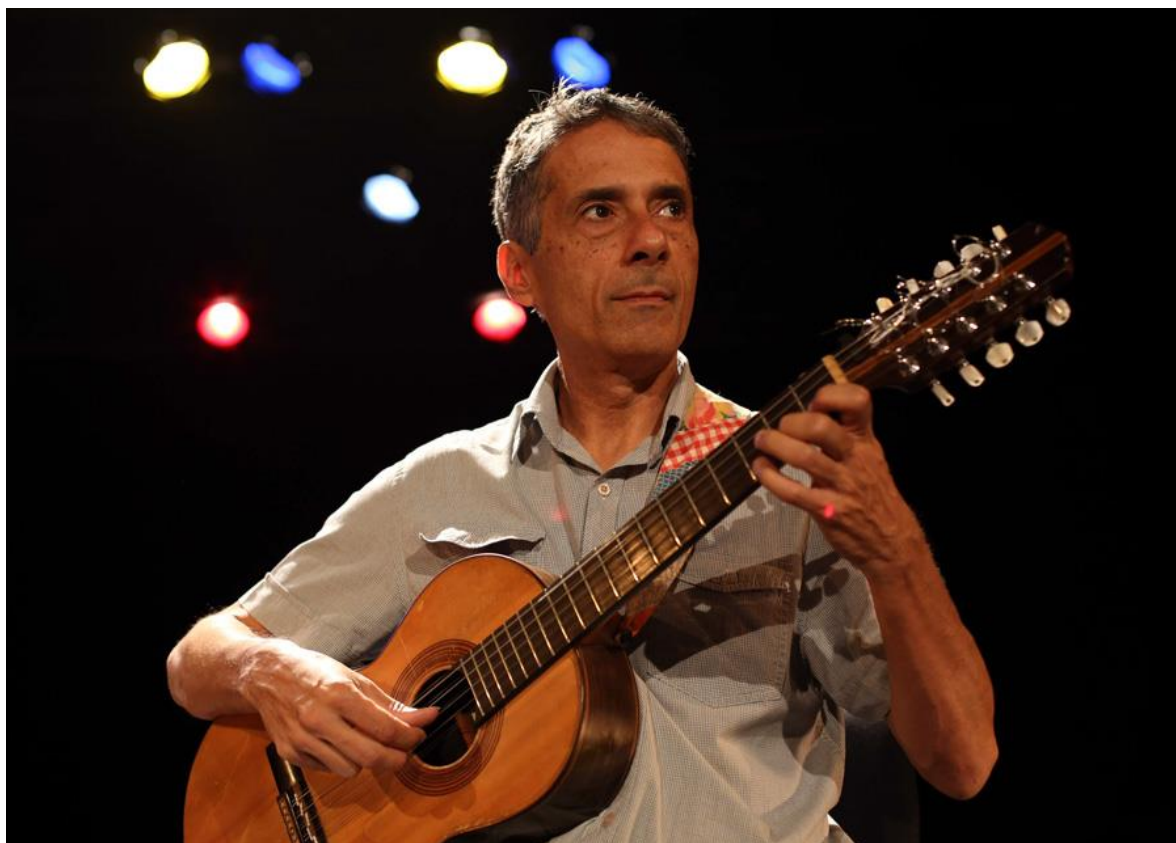
BREVE SINOPSE:

Nesta apresentação o violeiro traz a música de viola do sertão e a sua transformação no atual panorama da cultura brasileira. Além de contar causos envolvendo nossa mitologia. Paulo Freire aprendeu a tocar viola no sertão do Urucuia, noroeste de Minas Gerais - região que inspirou João Guimarães Rosa a escrever o romance “Grande Sertão: Veredas”. Vem participando de diversas atividades relacionadas à contação de histórias e criou um estilo muito característico de tocar viola e contar causo. Além dos temas caipiras tradicionais, e suas próprias músicas - que foram temas de seriados da TV Globo (inclusive da minissérie “Grande Sertão”), Paulo Freire vai tocar e contar os causos: “a receita para se fazer o pacto com o tihoso”, “a revelação de Angelino de Oliveira e sua Tristezas do Jeca”. Para mostrar toda a inteligência e senso de humor do caipira brasileiro, interpretará incríveis canções das duplas: Alvarenga e Ranchinho e Zé Mulato e Cassiano.

DURAÇÃO: 90 minutos

NÚMERO DE COMPONENTES: 02

FOTO:



NOME DO GRUPO/ARTISTA: Paulo Freire

BREVE HISTÓRICO:

Paulo Freire (01/04/1957) é violeiro, contador de histórias e escritor. Estudou violão com Henrique Pinto, em São Paulo, e Betho Davesac, em Paris, onde obteve medalha no “Concours de Classes Supérieurs de Paris”. Em 1977, apaixonado pelo romance “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, foi morar no Norte de Minas Gerais, região do rio Urucuia. Aprendeu a tocar viola com Manoel de Oliveira e outros mestres da região. Aprofundou-se nos costumes e lendas do sertão. Tocou as violas e compôs músicas para o seriado “Grande Sertão: Veredas”, da TV Globo. Morou em Paris de 1982 a 1985. Além de estudar violão clássico, atuou em grupos de Música Popular Brasileira em vários países da Europa e na Argélia. Compôs trilhas especiais para matérias do programa “Globo Rural”, da TV Globo (entre elas “Escola de Peões”- Prêmio Wladimir Herzog de Direitos Humanos - 1993 e “O Umbu”- Prêmio Febraban - 1994). Compôs, em parceria com Swami Júnior, a canção “Bom Dia”, gravada por Zizi Possi no disco “Valsa Brasileira” (Prêmio SHARP - melhor disco do ano - 1994). Tem dois romances publicados pela editora Guanabara: “O Canto dos Passos” - 1988, e “Zé Quinha e Zé Cão, vai ouvindo...” - 1993. Realiza uma turnê de viola-solo pela Europa, apresentando-se em festivais de World Music da Bélgica e Holanda - 1995. Grava seu primeiro disco solo de Viola: “Rio Abaixo”, independente, em 1995 (Prêmio SHARP de Revelação Instrumental). Escreve o livro “Eu Nasci Naquela Serra”, biografia dos compositores paulistas Angelino de Oliveira, Raul Torres e Serrinha, em 1996, lançado pela Editora Paulicéia. Narrando a vida destes grandes compositores (autores de “Tristezas do Jeca”, “Saudades de Matão”, “Cabocla Tereza”, “Chitãozinho e Xororó”, entre outras), é contada a história da música caipira, até a transformação desta no gênero sertanejo. Escreve na revista “Caros Amigos”, da Editora Casa Amarela, desde o número 1 até o ano de 2007. Foi integrante da Orquestra Popular de Câmera, que lançou seu primeiro CD em 1998. Prêmio Movimento – Melhor CD do ano. Em 1999 faz shows pelos EUA. Grava seu segundo CD solo: “São Gonçalo”, pela Pau Brasil, lançado em 1998. É o diretor artístico do projeto “Deixa a Viola Me levar”, álbum inédito de Mestre Manelim, lançado em março de 2024 pelo Selo Sesc. Lança seu novo álbum: “A Mula”, um grande causo musicado, em maio de 2024, pelo selo Vai Ouvindo. Através do PROAC, realiza uma circulação pelo estado de São Paulo com o espetáculo “Viola, Rosa e Sertão”, onde toca e canta suas aventuras pelo sertão de Guimarães Rosa. Cria o espetáculo “Inezita Barroso, a voz da nossa terra”, com histórias e músicas do repertório de nossa extraordinária artista, dentro das comemorações de seu centenário – 2025. Vem fazendo shows, oficinas de viola e oficinas de causos pelo Brasil.

NOME DO ESPETÁCULO: Medo Pequeno

MÚSICA

REGIONAL (x)

CANTADA (x)

INSTRUMENTAL (X)

BREVE SINOPSE:

Neste espetáculo infantil, o violeiro Paulo Freire trata dos pequenos sustos que povoam o mundo das crianças. Acompanhado pela viola, conta histórias de assombrações, o Curupira protegendo a nossa mata, e como vem enfrentando os seres de nossa mitologia,

como o Mapinguari e a cobra Honorato. Os causos são entremeados por canções acumulativas, divertidos ritmos caipiras e maluquices de viola. A meninada é convidada a participar dando sugestões nas narrativas e cantando músicas da tradição oral brasileira. Este espetáculo foi um dos cinco selecionados em 2021 durante a mostra de lives: “EmCasaComSesc”.

DURAÇÃO: 90 minutos

NÚMERO DE COMPONENTES: 02

FOTO:



NOME DO GRUPO/ARTISTA: Paulo Freire

BREVE HISTÓRICO:

Paulo Freire (01/04/1957) é violeiro, contador de histórias e escritor. Estudou violão com Henrique Pinto, em São Paulo, e Betho Davesac, em Paris, onde obteve medalha no “Concours de Classes Supérieurs de Paris”. Em 1977, apaixonado pelo romance “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, foi morar no Norte de Minas Gerais, região do rio Urucuia. Aprendeu a tocar viola com Manoel de Oliveira e outros mestres da região. Aprofundou-se nos costumes e lendas do sertão. Tocou as violas e compôs músicas para o seriado “Grande Sertão: Veredas”, da TV Globo. Morou em Paris de 1982 a 1985. Além de estudar violão clássico, atuou em grupos de Música Popular Brasileira em vários países da Europa e na Argélia. Compôs trilhas especiais para matérias do programa “Globo Rural”, da TV Globo (entre elas “Escola de Peões”- Prêmio Wladimir Herzog de Direitos Humanos - 1993 e “O Umbu”- Prêmio Febraban - 1994). Compôs, em parceria com Swami Júnior, a canção “Bom Dia”, gravada por Zizi Possi no disco “Valsa Brasileira” (Prêmio SHARP - melhor disco do ano - 1994). Tem dois romances publicados pela editora Guanabara: “O Canto dos Passos” - 1988, e “Zé Quinha e Zé Cão, vai ouvindo...” - 1993. Realiza uma turnê de viola-solo pela Europa, apresentando-se em festivais de World Music da Bélgica e Holanda - 1995. Grava seu primeiro disco solo de Viola: “Rio Abaixo”, independente, em 1995 (Prêmio SHARP de Revelação Instrumental). Escreve o livro “Eu Nasci Naquela Serra”, biografia dos compositores paulistas Angelino de Oliveira, Raul Torres e Serrinha, em 1996, lançado pela Editora

Paulicéia. Narrando a vida destes grandes compositores (autores de “Tristezas do Jeca”, “Saudades de Matão”, “Cabocla Tereza”, “Chitãozinho e Xororó”, entre outras), é contada a história da música caipira, até a transformação desta no gênero sertanejo. Escreve na revista “Caros Amigos”, da Editora Casa Amarela, desde o número 1 até o ano de 2007. Foi integrante da Orquestra Popular de Câmera, que lançou seu primeiro CD em 1998. Prêmio Movimento – Melhor CD do ano. Em 1999 faz shows pelos EUA. Grava seu segundo CD solo: “São Gonçalo”, pela Pau Brasil, lançado em 1998. É o diretor artístico do projeto “Deixa a Viola Me levar”, álbum inédito de Mestre Manelim, lançado em março de 2024 pelo Selo Sesc. Lança seu novo álbum: “A Mula”, um grande causo musicado, em maio de 2024, pelo selo Vai Ouvindo. Através do PROAC, realiza uma circulação pelo estado de São Paulo com o espetáculo “Viola, Rosa e Sertão”, onde toca e canta suas aventuras pelo sertão de Guimarães Rosa. Cria o espetáculo “Inezita Barroso, a voz da nossa terra”, com histórias e músicas do repertório de nossa extraordinária artista, dentro das comemorações de seu centenário – 2025. Vem fazendo shows, oficinas de viola e oficinas de causos pelo Brasil.

NOME DO ESPETÁCULO: Inezita Barroso, a voz da nossa terra

MÚSICA

REGIONAL (x)

CANTADA (x)

INSTRUMENTAL (X)

BREVE SINOPSE:

Em 2025 comemoraremos o centenário de Inezita Barroso. Nascida em 04 de março de 1925, desde menina mostrava um grande talento musical, além de muito interesse e curiosidade pelos cantos de nossa terra, tornando-se a principal referência da música do Brasil profundo. Dentro das comemorações do centenário de Inezita Barroso, o violeiro Paulo Freire preparou um show especial em que vai pontear músicas do imenso repertório de Inezita, além de contar causos de sua vida, desconhecidos do grande público. Entre uma canção e outra, sempre pedindo a participação da plateia, vai narrar a grande viagem de Inezita com um jipe pelo Brasil, seu encontro com o presidente Juscelino Kubitschek, sua amizade com Helena Meirelles, como foi a primeira gravação da Marvada Pinga, e até o momento em que se afastou dos palcos e da televisão para voltar triunfalmente como apresentadora do Viola Minha Viola, o programa mais longo da televisão brasileira. Paulo Freire teve a oportunidade de ser amigo de Inezita, frequentar seus programas de rádio e TV, dividir o palco em muitos shows, além de ter criado a vinheta de abertura do Viola Minha Viola, *eita programa que eu gosto*. Foi o curador da “Ocupação Inezita Barroso”, exposição sobre a cantora realizada no Itaú Cultural, em que pode se aprofundar ainda mais na vida e obra de nossa rainha. Inezita Barroso conviveu com Guerra Peixe, Hervé Cordovil e Radamés Gnattali. Começou sua carreira artística como atriz de cinema. Gravou mais de 80 álbuns. Ganhou ano após ano o Prêmio Roquete Pinto de melhor cantora do rádio. Por esta atividade, podemos também programar uma conversa com o público ao final, respondendo questões sobre Inezita Barroso, ou algum eventual depoimento da plateia. Inezita faleceu no dia 8 de março de 2015. Dia Internacional da Mulher

DURAÇÃO: 80 minutos

NÚMERO DE COMPONENTES: 04

FOTO:



2) Artes Cênicas:

NOME DO GRUPO/ARTISTA: Balho & Tocata Raízes Açorianas

BREVE HISTÓRICO:

O “Balho & Tocata Raízes Açorianas”, fundado a 29 de maio de 2010, tem como objetivo manter viva a cultura açoriana trazida pelos migrantes do Arquipélago dos Açores que aqui chegaram em meados do século XVIII. O grupo é composto por pessoas de várias comunidades abrangendo a ilha e o continente do município de Florianópolis e região. No seu trabalho de pesquisa destacam-se as cantigas e danças folclóricas tradicionais dos Açores, bem como a exibição dos trajes, sendo autênticas as indumentárias provenientes daquelas ilhas.

O “Balho & Tocata Raízes Açorianas”, além de apresentar as danças típicas açorianas, valoriza e promove também a cultura local, sendo uma delas o hino de Florianópolis, o “Rancho Amor à Ilha”, que se faz homenagem à ilha de Santa Catarina, considera a décima ilha dos Açores.

Em 2013, o grupo apresentou-se no Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Florianópolis, nas Fiestas Azoriano-carolinas, em San Carlos, Departamento de Maldonado, Uruguai e no Açor, na cidade de Içara, Santa Catarina.

NOME DO ESPETÁCULO: Balho & Tocata Raízes Açorianas

MODALIDADE

OUTRO ()

TEATRO ()

DANÇA ()

BREVE SINOPSE E ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Exposição de cenários e marionetes mecanizados. Montagem de palcos, cenografias, iluminação e sonorização dos bonecos de espetáculos do Teatro Navegante. A exposição mostra também como é o processo de construção dos bonecos desde os desenhos até a sua finalização. Um excelente atrativo para toda a família!

Equipe in loco: 03 pessoas

Ficha Técnica

Criação, bonecos e, cenários e direção: Catin Nardi..

Classificação: livre

Duração: 10 dias

Técnica de Manipulação: Marionetes de fios

Equipe técnica: 03 montadores, 02 produtores, 01 transportista

02 administradores, 02 técnicos, 01 diretor geral

Locais de exposição: Espaços amplos que permitam a montagem de cenários e sistemas. Locais com segurança 24 horas

DURAÇÃO: 10 dias

NÚMERO DE COMPONENTES: 10

FOTO:



NOME DO GRUPO/ARTISTA: Grupo Raízes Açorianas da Casa dos Açores de SC

BREVE HISTÓRICO:

O “Balho & Tocata Raízes Açorianas”, fundado a 29 de maio de 2010, tem como objetivo manter viva a cultura açoriana trazida pelos migrantes do Arquipélago dos Açores que aqui chegaram em meados do século XVIII. O grupo é composto por pessoas de várias comunidades abrangendo a ilha e o continente do município de Florianópolis e região. No seu trabalho de pesquisa destacam-se as cantigas e danças folclóricas tradicionais dos Açores, bem como a exibição dos trajes, sendo autênticas as indumentárias provenientes daquelas ilhas.

O “Balho & Tocata Raízes Açorianas”, além de apresentar as danças típicas açorianas, valoriza e promove também a cultura local, sendo uma delas o hino de Florianópolis, o “Rancho Amor à Ilha”, que se faz homenagem à ilha de Santa Catarina, considera a décima ilha dos Açores.

Em 2013, o grupo apresentou-se no Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Florianópolis, nas Fiestas Azoriano-carolinas, em San Carlos, Departamento de Maldonado, Uruguai e no Açor, na cidade de Içara, Santa Catarina.

NOME DO ESPETÁCULO: BLOCONECO DE CATIN E SUA BANDA NAVEGANTE

MODALIDADE

OUTRO ()

TEATRO ()

DANÇA ()

BREVE SINOPSE E ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Exposição de cenários e marionetes mecanizados. Montagem de palcos, cenografias, iluminação e sonorização dos bonecos de espetáculos do Teatro Navegante. A exposição mostra também como é o processo de construção dos bonecos desde os desenhos até a sua finalização. Um excelente atrativo para toda a família!

Equipe in loco: 03 pessoas

Ficha Técnica

Criação, bonecos e, cenários e direção: Catin Nardi..

Classificação: livre
 Duração: 10 dias
 Técnica de Manipulação: Marionetes de fios
 Equipe técnica: 03 montadores, 02 produtores, 01 transportista
 02 administradores, 02 técnicos, 01 diretor geral
 Locais de exposição: Espaços amplos que permitam a montagem de cenários e sistemas. Locais com segurança 24 horas

DURAÇÃO: 10 dias

NÚMERO DE COMPONENTES: 10

FOTO:



NOME DO GRUPO/ARTISTA: Grupo Folclórico Boi de Mamão da Vargem Grande

BREVE HISTÓRICO:

O boi de mamão é uma apresentação folclórica que ocorre no estado de Santa Catarina, Brasil, sendo encenado principalmente na região litorânea. Sua origem tem diversas possibilidades, desde vinda de Portugal, Espanha e até dos escravos que vieram para o Brasil. O único ponto comum é que as brincadeiras do boi como a do bumba meu boi, boi bumbá, boi pintadinho, boi de reis, boizinho, boi da cara preta, boi-calemba, etc, tem um surgimento comum.

O primeiro registro com nome de boi de mamão em Santa Catarina é datado de 1840. Inicialmente era chamado boi de pano e segundo alguns relatos, antes ainda era chamado de bumba meu boi.

O Grupo Folclórico Boi de Mamão da Vargem Grande foi fundado no dia 19 de julho de 1992.

NOME DO ESPETÁCULO: BOI DE MAMÃO — A Festa Viva do Folclore Catarinense

MODALIDADE

OUTRO ()

TEATRO (x)

DANÇA (x)

BREVE SINOPSE E ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS:

Em algum lugar entre o teatro, a dança, a música e a folia, existe o Boi de Mamão. Não é bem um espetáculo — é uma festa que acontece. Não tem plateia passiva — tem gente que canta junto, que ri, que se assusta com a Bernunça e torce pela ressurreição do Boi. É folclore vivo, e é catarinense como a tainha na brasa e o vento sul.

O Grupo Folclórico Boi de Mamão da Vargem Grande traz ao palco essa brincadeira popular que atravessou séculos sem perder o fôlego: o Boi de Mamão, folguedo de origem ibérica profundamente reinventado nas comunidades litorâneas de Santa Catarina, onde ganhou personagens, ritmos e uma alma própria que não existe em nenhum outro lugar do mundo.

A história é simples e universal — o Boi morre, o Boi ressuscita — mas o caminho até lá é uma explosão de cor, humor e música. O Mateus e a Catirina choram o animal, o Doutor é chamado às pressas com sua medicina improvisada e duvidosa, e quando o Boi finalmente se levanta, a festa toma conta de tudo. Enquanto isso, a Bernunça serpenteia pelo espaço engolindo crianças e adultos desavisados, a Maricota espia o mundo lá de cima com seu pescoço comprido e indiscreto, o Cavalinho galopeia sem cerimônia e a Jardineira amarra tudo com suas fitas coloridas giradas no Pau de Fita.

A música que sustenta esse universo é tocada ao vivo pelos próprios brincantes do grupo, mantendo viva a formação tradicional de violão, cavaquinho, pandeiro, acordeão e tambores — dando à Ratoeira, ritmo símbolo do folguedo, a força genuína que só nasce de quem carrega essa tradição no corpo e na memória. As cantigas dos personagens, entoadas com a espontaneidade característica das comunidades pesqueiras do litoral, alternam com a Jardineira e o Pau de Fita, convidando o público a bater palma, a cantar e, quem sabe, a entrar na roda.

Nascido e criado na Vargem Grande, comunidade de raízes açorianas no coração da Ilha de Santa Catarina, o grupo é guardião de uma tradição que passa de geração em geração não pelos livros, mas pelo fazer — pelas mãos que costuram as fantasias, pela voz que ensina a cantiga, pelo gesto que apresenta o Boi à criança que brinca pela primeira vez. Mais do que um registro folclórico ou uma reconstituição histórica, este espetáculo é um ato de pertencimento e afeto comunitário.

Para crianças que vão descobrir o Boi pela primeira vez. Para adultos que vão reencontrar uma memória de infância que nem sabiam que tinham. Para todos que acreditam que a cultura de um povo vale tanto quanto qualquer obra-prima — porque ela é, acima de tudo, verdadeira.

O Boi vai morrer. O Boi vai ressuscitar. A festa vai começar.

DURAÇÃO: 60 minutos

NÚMERO DE COMPONENTES: 20

FOTO:



NOME DO GRUPO/ARTISTA: grupo <i>Menestrel Faze-dô</i> .		
BREVE HISTÓRICO: O Grupo Menestrel Faze-Dô (Associação de Arte e Cultura Menestrel Faze-Dô) é uma companhia de teatro de rua e de bonecos sediada em Lages, Santa Catarina. Eles são famosos por usar a arte e a manipulação de bonecos gigantes para promover a cultura local e tratar de temas sociais e educacionais de forma cômica		
NOME DO ESPETÁCULO: BULHA DOS ASSOMBROS		
MODALIDADE		
OUTRO ()	TEATRO (x)	DANÇA ()
BREVE SINOPSE E ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS: Bulha dos Assombros é o nome de um tradicional espetáculo de teatro de rua com bonecos gigantes, criado pelo grupo <i>Menestrel Faze-dô</i>. Baseado no imaginário popular catarinense, ele trata as lendas locais e causos de assombramento de forma cômica e interativa para toda a família. Cai à noite no cemitério Aqui o morrer do dia sempre deu lugar ao sobrenatural, Hora das almas penadas saírem fazer tremer e arrepiar os vivos, Do homem amaldiçoado se esconder para em lobisomem se transformar De a velha feiticeira juntar seus ingredientes e realizar seus despachos, Do boitatá risca o céu com seu fogo azul lego As assombrações povoam as noites frias com suas histórias que só se vêem depois que se fecha os olhos pra coisas deste mundo . Com tanta assombramento que faz bulha por aí, não tem como a gente fazer que não ouve e que não vê. BULHA DOS ASSOMBROS: Espetáculo de Teatro de Rua com Bonecos Gigantes. TEXTO: Guigui Fernandes (Baseada nas idéias originais Grupo Menestrel FazeDô) DIREÇÃO: Grupo Menestrel Faze-Dô DURAÇÃO: 50 minutos ESPAÇO: Semi-arena para rua e espaços alternativos (10/12mt) FIGURINO: Guigui Fernandes MAQUIAGEM: Grupo Menestrel Faze-Dô CENOGRAFIA: Marcio Machado BONECOS: Dato Rohden, Marcio Machado, Guigui Fernandes, Robson Andrade ADEREÇAGENS: Grupo Menestrel Faze-Dô DESENHOS: Marcos Rodrigues PINTURAS: Guigui Fernandes e Marcos Rodrigues SONOPLASTIA: Grupo Menestrel Faze-Dô APOIO TÉCNICO: Geraldo Cunha (Direção) Dato Rohden (Bonecos) ATOES MANIPULADORES: Marcio Machado, Guigui Fernandes, Vitor Dias PERSONAGENS - Atores: Espírito dos Santos, Espírito das Trevas, Espírito de Porco Bonecos: Velha Feiticeira, Velho Idino, Florêncio, Terezinha, Coronel, Lobisomem, Mandoruvá, Coruja, Morcegos, Boitatá PRODUÇÃO: Marcio Machado e Guigui Fernandes		
DURAÇÃO: 50 minutos		NÚMERO DE COMPONENTES: 05
FOTO:		

BULHA DOS ASSOMBROS



▣ TEATRO DE RUA COM BONECOS GIGANTES ▣

